

FATECE FACULDADE DE TECNOLOGIA CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

HELOIZE MARIE MAIA DOS SANTOS

Heroínas da Infância: A Representação do Protagonismo Feminino na Literatura Infantil Contemporânea – Uma análise de como as protagonistas femininas são representadas em livros infantis e seu impacto na infância.

PIRASSUNUNGA
2025

HELOIZE MARIE MAIA DOS SANTOS

Heroínas da Infância: A Representação do Protagonismo Feminino na Literatura Infantil Contemporânea

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado(a) à Faculdade de Tecnologia
Ciências e Educação como exigência parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia

Orientador: Prof. Me. Elenilson José Mazari

PIRASSUNUNGA
2025



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

Heroínas da Infância: A Representação do Protagonismo Feminino na Literatura Infantil Contemporânea – Uma análise de como as protagonistas femininas são representadas em livros infantis e seu impacto na infância.

Heloize Marie Maia dos Santos
Prof. Me. Elenilson José Mazari

RESUMO

Este presente trabalho tem o objetivo analisar a representação do protagonismo feminino na literatura infantil contemporânea e principalmente refletir sobre o impacto dessas obras e narrativas na construção da identidade das crianças. Considerando que a infância é uma fase crucial na formação dos valores, do comportamento e visão de mundo, a forma como as personagens femininas são apresentadas nos livros infantis torna-se elemento fundamental na construção de seu lugar na sociedade e dos papéis de gênero. A pesquisa se fundamenta em Simone de Beauvoir, principalmente em sua obra *O Segundo Sexo* com sua contribuição para os estudos de gênero, cuja obra destaca que o ser mulher é sem dúvidas uma construção social. A partir de tal perspectiva, buscaremos compreender como a literatura pode contribuir tanto para a reprodução quanto para a desconstrução de estereótipos historicamente associados ao feminino e ao ser mulher.

Palavras-chave: literatura infantil; protagonismo feminino; identidade de gênero; Simone de Beauvoir.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the representation of female protagonism in contemporary children's literature and mainly to reflect on the impact of these works and narratives on the construction of children's identities. Considering that childhood is a crucial phase in the formation of values, behavior and worldview, the way female characters are presented in children's books becomes a fundamental element in the construction of their place in society and gender roles. The research is based on Simone de Beauvoir, mainly on her work *The Second Sex* with her contribution to gender studies, whose work highlights that being a woman is undoubtedly a social construction. From this perspective, we will seek to understand how literature can contribute to both the reproduction and the deconstruction of stereotypes historically associated with femininity and being a woman.

Keywords: children's literature; female protagonism; gender identity; Simone de Beauvoir.

Sumário

Introdução.....	6
Objetivos.....	7
Fundamentação Teórica.....	7
Metodologia.....	9
Tipo de natureza da pesquisa.....	10
Seleção e delimitação do corpus.....	10
Obras para análise.....	11
Procedimentos analíticos.....	11
Considerações éticas e limites da investigação.....	12
Análise das Obras.....	12
Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 1865) – Alice.....	12
O Mágico de Oz (L. Frank Baum, 1900) – Dorothy Gale.....	13
Anne de Green Gables (Lucy Maud Montgomery, 1908) – Anne Shirley.....	14
A Bolsa Amarela (Lygia Bojunga, 1976) – Raquel.....	14
Matilda (Roald Dahl, 1988) – Matilda Wormwood.....	16
Harry Potter (J. K. Rowling, 1997–2007) – Hermione Granger.....	16
Resultados e Discussões.....	18
Conclusões Finais.....	20
Referências.....	22

Introdução

A literatura infantil desempenha um papel fundamental na moldagem das crianças ao agir como uma ferramenta significativa para o seu crescimento emocional, social e cognitivo. Através das histórias, as crianças constroem entendimentos sobre o mundo ao seu redor e definem os valores enquanto moldam sua forma de perceber o mundo e os outros. Os personagens desempenham um papel essencial neste contexto, já que funcionam como reflexos simbólicos e tornam-se modelos de identificação. Dentre esses personagens, é notável a presença da figura feminina, que se apresenta como um aspecto especialmente importante para desenvolver o entender-se feminino dos jovens leitores e leitoras.

Durante grande parte da história da literatura infantil, as personagens femininas foram retratadas como frágeis, vulneráveis. Historicamente construídas para perpetuar os estereótipos de delicadeza, submissão e dependência. Frequentemente representadas por princesas à espera de algo ou alguém (geralmente um personagem masculino), que às resgate de suas desventuras, figuras maternas idealizadas e não podemos deixar de mencionar a mulher performando a figura da bruxa, invejosa da jornada da protagonista, reforçando ainda mais a rivalidade feminina e normalizando a relação negativa entre as mulheres.

Felizmente nas últimas décadas, fortalecidos pelos estudos de gênero como os de Simone de Beauvoir, as narrativas infantis têm avançado em relação às suas protagonistas femininas. Também é importante destacar que segundo Philippe Ariès (1960), em sua obra "História Social da Criança e da Família", afirma que, com o passar dos séculos, a forma como a sociedade enxerga e se relaciona com as crianças e com a infância, se transformou. As próprias narrativas se transformaram, adaptando melhor a faixa etária do público infantil, que não mais é vista como adultos em miniatura, e sim como um ser com suas próprias características e necessidades que precisa ser nutrido de valores para assim, formar sua própria identidade. Sendo assim, o fortalecimento de movimentos sociais comprometidos com a equidade entre os

gêneros começou a influenciar positivamente as mudanças expressivas das novas protagonistas, que têm emergido como meninas audaciosas, inteligentes, críticas e donas de suas ações.

Apesar desses avanços, infelizmente ainda conseguimos identificar traços de subordinação, rivalidade e passividade associadas ao feminino nas narrativas. Tal constatação convida à seguinte reflexão: Quais são os impactos e efeitos dessas representações na constituição da identidade das crianças, considerando o papel crucial da literatura nesse processo?

Objetivos

Considerando a problemática relacionada às representações do feminino na literatura infantil e sua contribuição para a construção da identidade feminina durante a infância, esta pesquisa tem como objetivo geral examinar de que maneira essas representações atuam tanto no reforço quanto na desconstrução de estereótipos negativos associados ao processo de tornar-se feminino. Busca-se, assim, compreender as implicações simbólicas e formativas que tais narrativas exercem sobre o imaginário infantil.

Para alcançar esse objetivo geral, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- revisar criticamente a produção teórica relacionada à construção de gênero e sua manifestação na literatura infantil;
- investigar os estereótipos atribuídos às personagens femininas em obras literárias voltadas ao público infantil;
- analisar de que forma as representações femininas em narrativas contemporâneas dialogam com perspectivas mais equitativas de gênero;
- Refletir sobre os impactos dessas representações na constituição simbólica da identidade de meninas na primeira infância.

Fundamentação Teórica

A presente pesquisa busca elucidar que a literatura infantil, enquanto instrumento de desenvolvimento e aprendizagem, desempenha um papel crucial na

construção simbólica da identidade durante a infância. Segundo AGAPTO (2022), as narrativas infantis, não apenas entretêm, mas também agregam valores e modelos de comportamento que influenciam direta ou indiretamente para a construção dos sujeitos. Neste contexto, faz-se presente as relações com o gênero e como a literatura contribui para a formação desses papéis sociais em meninos e meninas.

Para Castro (2023), a construção de gênero na literatura está diretamente relacionada aos padrões socioculturais estabelecidos historicamente, que frequentemente reproduzem e perpetuam estereótipos, principalmente no que tange o feminino. As figuras femininas na literatura infantil, são frequentemente associadas a doçura, submissão e exercem papéis de cuidado e subordinação. Enquanto personagens masculinos são em suma, constituídos de bravura e independência, sendo associados à liderança.

Decina (2023) enfatiza que, embora o movimento de desconstrução desses estereótipos nas produções contemporâneas existam, muitos dos conteúdos ainda reforçam essa binariedade desigual. Isso está diretamente associado ao impacto na percepção das crianças sobre o outro e principalmente sobre si. Por esta razão, faz-se necessário analisar criticamente as obras, para entender como esses discursos têm influenciado os jovens leitores e na formação da subjetividade, sobretudo nas meninas. Que podem ao ser expostas a tais influências, internalizar esses estereótipos restritivos de feminilidade em seus primeiros anos.

Por fim, Chiovato (2015) ressalta que a literatura não pode ser entendida apenas como um reflexo da sociedade, mas como um meio que contribui ativamente para a reprodução ou mudança das estruturas e normas sociais. Assim entendido, as narrativas infantis exercem função crucial, quando alinhadas a perspectivas críticas e inclusivas, para se constituir como ferramenta de promoção de igualdade de gênero e diversidade social.

Em suma, diante desse panorama, torna-se fundamental investigar as representações do feminino na literatura infantil contemporânea, buscando entender tais representações e de que maneira elas de fato, perpetuam esses estereótipos

confinadores nas crianças, principalmente meninas. Ou se, ao contrário, oferecem a esse público, possibilidades simbólicas mais plurais, emancipatórias e em concordância com uma sociedade mais justa e igualitária.

Metodologia

A presente pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, por considerar que o objeto de estudo – as representações do feminino na literatura infantil – envolvem dimensões simbólicas, subjetivas e culturais que exigem uma leitura sensível e interpretativa da realidade. Conforme observa Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender significados e contextos, explorando a complexidade dos fenômenos sociais em sua totalidade, sem reduzi-los a dados quantificáveis.

O objetivo principal deste estudo é investigar como as personagens femininas são construídas nas narrativas infantis contemporâneas, e de que modo essas representações contribuem para reforçar ou questionar estereótipos de gênero, influenciando simbolicamente a construção da identidade de meninas durante a infância. Nesse sentido, o olhar investigativo volta-se não apenas para a presença dessas personagens nas histórias, mas sobretudo para o que elas representam social e culturalmente.

O alicerce teórico desta pesquisa reside na ideia de que o gênero é formado historicamente, culturalmente e através das relações, como aponta Scott (1995). Essa visão recebe forte influência das ideias de Simone de Beauvoir (1949), que em *O Segundo Sexo* expõe a ideia de que os papéis das mulheres são tidos como naturais, ao dizer que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Essa frase, que parece simples, revela um sistema de poder simbólico que começa cedo e, muitas vezes, se repete por meio de livros para crianças. Assim, as histórias que as crianças leem não são apenas para diversão: elas criam ideias, atitudes e o que a sociedade espera delas.

A literatura infantil, nesse sentido, é compreendida como um instrumento formativo poderoso, que participa da constituição simbólica das subjetividades desde os primeiros anos de vida (Agapto, 2022; Castro, 2023). Analisar criticamente essas narrativas permite lançar luz sobre as formas de como o feminino é representado e

sobre como essas construções podem impactar a autoimagem de meninas em processo de socialização.

Para alcançar os objetivos propostos, o estudo adota como método a análise de conteúdo, conforme delineado por Bardin (2016). Tal técnica possibilita interpretar sistematicamente os significados expressos, de maneira explícita ou implícita, nos textos e nas imagens das obras selecionadas. Essa abordagem é especialmente eficaz para identificar recorrências, rupturas e contradições nos discursos literários sobre o feminino, permitindo um mapeamento consistente dos sentidos socialmente atribuídos às personagens analisadas.

Tipo de natureza da pesquisa.

Classifica-se esta investigação como exploratória, por buscar aprofundar o entendimento sobre um fenômeno que, embora recorrente, ainda carece de abordagens críticas mais sistemáticas no campo da literatura infantil; e como descritiva, por pretender delinear com clareza as características das representações do feminino nas obras selecionadas, bem como seus possíveis efeitos formativos.

Essa definição metodológica está alinhada aos objetivos específicos da pesquisa, que incluem desde a revisão teórica sobre gênero e literatura até a análise interpretativa das construções simbólicas femininas em narrativas contemporâneas.

Seleção e delimitação do corpus.

O material analisado nesta pesquisa engloba livros infantis de literatura universal e brasileira, voltados para crianças e jovens de 3 a 14 anos. Optamos por essas obras em específico, que possibilitem observar as evoluções (ou continuidades) nos debates sobre gênero no campo da literatura.

Foram selecionadas obras que atendem aos seguintes critérios:

- Narrativas com personagens femininas em posição central ou de destaque;
- Textos traduzidos ou escritos em língua portuguesa e com circulação nacional;
- Livros disponíveis em acervos escolares ou recomendados por programas públicos como o PNLD.

Foram excluídas da análise obras que:

- Não apresentassem personagens femininas com função narrativa relevante;
- Fossem traduções sem adaptação cultural a língua portuguesa;

Obras para análise

- Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 1865) - *Alice*
- O Mágico de Oz (L. Frank Baum, 1900) - *Dorothy Gale*
- Anne de Green Gables (Lucy Maud Montgomery, 1908) - *Anne Shirley*
- A Bolsa Amarela (Lygia Bojunga, 1976) - *Raquel*
- Matilda (Roald Dahl, 1988) - *Matilda Wormwood*
- Harry Potter (saga) (J.K. Rowling, 1997–2007) - *Hermione Granger*

Procedimentos analíticos.

A análise das obras ocorreu em três etapas interdependentes, conforme a proposta metodológica de Bardin (2016):

- **Pré-análise:** consistiu em uma leitura flutuante e sensível das narrativas, com o intuito de reconhecer padrões, símbolos e temas emergentes ligados às figuras femininas;
- **Codificação e categorização temática:** a partir da leitura inicial, foram estabelecidas categorias analíticas como: personagens que reforçam papéis tradicionais, personagens que subvertem normas de gênero, protagonismo feminino, agência e autonomia;
- **Interpretação crítica dos dados:** nesta fase, os elementos identificados foram confrontados com a base teórica do trabalho, em especial com os aportes de Beauvoir (1949), Scott (1995), Agapto (2022), Chiovatto (2015) e Santos e Pereira (2023), com o objetivo de compreender em que medida as representações do feminino nas obras analisadas contribuem para ampliar, limitar ou ressignificar o imaginário de gênero na infância.

Essa organização do estudo possibilitou examinar cada objetivo específico da pesquisa de forma detalhada, garantindo que a teoria, os dados coletados e as interpretações estivessem em perfeita harmonia.

Considerações éticas e limites da investigação.

Dado que esta investigação se baseia unicamente em recursos já divulgados e disponíveis para todos, não se fez preciso encaminhá-la para avaliação de um Conselho de Ética. Apesar disso, todas as normas éticas da pesquisa acadêmica foram seguidas à risca, zelando pela exatidão das referências, a honestidade intelectual e a clareza nos métodos empregados.

Um ponto deste estudo é que a seleção de obras analisadas não busca abranger tudo o que existe, mas apresentar um recorte relevante para um estudo aprofundado. Como frisa Flick (2009), o valor da análise qualitativa está na riqueza da interpretação, e não na quantidade de material, desvendando detalhes e conflitos que escapam em exames quantitativos.

Análise das Obras

Ao analisarmos as seguintes obras, buscamos destacar e entender como a literatura infantil pode atuar como ferramenta formativa na construção do pensar-se feminino e do entendimento dos papéis de gênero. Meninas e meninos são histórico-culturalmente influenciados pela literatura, por isso se faz absolutamente necessário olhar criticamente para essas obras. Analisamos como tais personagens femininas são apresentadas, sua representatividade para o desenvolver-se em um ser socialmente ativo dessas crianças, tanto meninas, quanto meninos.

Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 1865) – Alice

Alice é apresentada como uma menina curiosa, imaginativa e corajosa, que se aventura no País das Maravilhas após seguir um coelho branco. Sua postura questionadora rompe parcialmente com o modelo tradicional de submissão feminina nos contos clássicos, mas sua autonomia é constantemente limitada: Alice permanece perdida e insegura, sem controle sobre a realidade ao seu redor, e depende de orientações externas para seguir sua jornada e atingir seus objetivos.

De acordo com Beauvoir (1949), “não se nasce mulher, torna-se”, e a trajetória de Alice simboliza exatamente esse processo em construção: embora demonstre agência, ainda está sujeita a representações que a definem como ingênua, louca e confusa. Sua personagem revela como a literatura pode simultaneamente desafiar e reforçar papéis de gênero, marcando a infância feminina como uma etapa de aprendizado e também de dependência.

A obra foi considerada relevante à pesquisa por, principalmente, ser revolucionária para a época e contexto sociocultural em que foi escrita, 1865, durante a Era Vitoriana. Período esse que, no contexto do feminino e do ser mulher, valoriza a submissão, pureza e principalmente o não questionar. Assim, sua relevância está em simbolizar um primeiro movimento de protagonismo feminino na literatura, sem contudo romper integralmente com os padrões patriarcais da época. Alice questiona, mas não transforma completamente.

O Mágico de Oz (L. Frank Baum, 1900) – Dorothy Gale

Dorothy é uma menina que, após um tornado, é transportada para a terra de Oz, onde parte em busca de retornar ao Kansas. Diferente de muitas princesas clássicas, Dorothy é ativa: inicia sua jornada, toma decisões e lidera o grupo de amigos que encontra no caminho. Contudo, sua busca ainda está atrelada ao lar e à figura da família, simbolizando a ideia tradicional de que a menina deve retornar ao espaço doméstico

Embora Dorothy represente uma ruptura em relação à passividade feminina, sua narrativa limita sua autonomia à esfera do cuidado e da preservação do lar. Isso confirma a análise de Scott (1995), que entende o gênero como categoria relacional: ainda que haja agência, esta é moldada por padrões sociais que mantêm a centralidade do papel feminino no âmbito familiar.

Dorothy faz parte da presente pesquisa por simbolizar um avanço em relação a personagens anteriores: é ativa, toma decisões e lidera um grupo de companheiros durante

sua jornada em Oz. Ainda assim, sua motivação principal — retornar ao lar — a conecta à tradicional associação do feminino ao espaço doméstico. Essa dualidade torna Dorothy importante para o estudo, pois evidencia como a literatura do início do século XX começou a construir protagonistas femininas mais autônomas, embora ainda limitadas pelas expectativas sociais de seu tempo.

Anne de Green Gables (Lucy Maud Montgomery, 1908) – Anne Shirley

Anne é uma menina órfã que, ao ser adotada por engano por um casal de irmãos, transforma sua comunidade com imaginação, sensibilidade e inteligência. Sua fala espontânea e sua postura crítica destoam da visão tradicional de meninas dóceis e silenciosas. Ao mesmo tempo, sua trajetória enfatiza virtudes ligadas ao afeto e à bondade, tradicionalmente associadas ao feminino.

Nesse sentido, Anne simboliza uma personagem de transição: se por um lado questiona papéis estabelecidos, por outro ainda reproduz valores ligados ao cuidado e à afetividade. Segundo Chiovato (2015), a literatura não apenas reflete, mas também constrói valores sociais; no caso de Anne, vemos a tentativa de ampliar o imaginário feminino sem romper totalmente com padrões tradicionais.

Ela não rejeita os papéis de afeto, mas os ressignifica, conferindo-lhes nova legitimidade. Assim, Anne representa uma figura de transição: nem submissa, nem totalmente emancipada. Sua importância está em abrir espaço para essas protagonistas femininas que ousam sonhar, imaginar e intervir criticamente em seu mundo, ainda que sob a marca de valores tradicionais.

Anne foi incluída por representar uma protagonista sensível, imaginativa e crítica, que desafia a visão da infância feminina como silenciosa e submissa. Sua espontaneidade e inteligência a tornam inovadora em sua época. Anne é relevante para esta pesquisa porque simboliza uma personagem de transição, que amplia as possibilidades de representação da menina sem romper completamente com padrões tradicionais, revelando a complexidade da construção do gênero na literatura.

A Bolsa Amarela (Lygia Bojunga, 1976) – Raquel

Raquel, protagonista de *A Bolsa Amarela*, é uma menina que carrega dentro de si três grandes desejos reprimidos: ser gente grande, ser menino e ser escritora. Sua narrativa denuncia os limites impostos às meninas no espaço social, especialmente no que se refere ao direito à voz e à autonomia. Diferente de Alice e Dorothy, Raquel se rebela contra tais restrições, questionando abertamente a desigualdade de gênero.

Aqui, temos um exemplo claro de ruptura: Raquel não apenas rompe, mas expõe os estereótipos de gênero, transformando-os em parte de sua trajetória de crescimento. A obra ilustra bem a concepção de Beauvoir (1949), segundo a qual a mulher é uma construção social, ao evidenciar como as expectativas sociais moldam a infância feminina e como essa construção pode ser questionada.

Além disso, a metáfora da “bolsa amarela”, onde Raquel guarda seus desejos secretos, representa simbolicamente não apenas o silenciamento imposto às meninas, mas também o espaço de resistência em que suas aspirações podem ser preservadas e nutridas até encontrarem possibilidade de expressão. Nesse sentido, a obra de Bojunga antecipa discussões sobre subjetividade e emancipação feminina, ao conceder à protagonista uma voz crítica capaz de problematizar os papéis de gênero naturalizados pela sociedade.

Outro aspecto relevante é a valorização do ato de escrever como instrumento de libertação. O desejo de Raquel de se tornar escritora transcende o simples anseio por uma profissão: simboliza a conquista da palavra, do direito de narrar a própria vida e de existir no espaço público, rompendo com o confinamento tradicional do feminino ao lar e ao silêncio. Como observa Chiovato (2015), a literatura não apenas reflete, mas também intervém na construção social; em *A Bolsa Amarela*, a escrita se torna um ato político e emancipatório.

Assim, a personagem Raquel se constitui como um marco na literatura infantil brasileira, justamente por problematizar os estereótipos e oferecer às leitoras infantis a possibilidade de se reconhecerem em uma menina que ousa desejar mais do que a sociedade lhe permite. Sua rebeldia e seus sonhos funcionam como convite à reflexão crítica sobre o lugar das meninas na cultura e como inspiração para que novas gerações construam identidades femininas mais autônomas e plurais.

A personagem é fundamental para a pesquisa por expressar uma ruptura clara com a passividade, trazendo para a literatura infantil brasileira uma protagonista que denuncia as desigualdades e busca voz própria, tornando-se um marco emancipatório.

Matilda (Roald Dahl, 1988) – Matilda Wormwood

Matilda é uma menina com inteligência extraordinária, apaixonada por leitura, mas negligenciada pelos pais e oprimida pela diretora da escola. Apesar das adversidades, encontra força em seu intelecto e em sua capacidade de questionar injustiças. Sua personagem rompe com a visão de meninas frágeis e submissas, ao valorizar a inteligência como ferramenta de empoderamento. Outro fator determinante é a relação entre Matilda e sua professora, que a compreende, incentiva e acolhe, mostrando o quão importante e transformadora pode ser uma mulher apoiando a outra e a acompanhando em seu processo de desenvolvimento.

No entanto, a narrativa também reforça a ideia de que meninas excepcionais precisam provar constantemente seu valor para serem reconhecidas, evidenciando como a sociedade impõe obstáculos adicionais às mulheres. Essa tensão reflete o que Agapto (2022) descreve como ambiguidade da literatura infantil: simultaneamente veículo de libertação e de reprodução de estereótipos. Matilda simboliza, portanto, tanto um avanço quanto uma crítica à sociedade que exige das mulheres esforços sobre-humanos para legitimar suas capacidades.

Matilda foi selecionada por representar uma protagonista que enfrenta adversidades por meio da inteligência e da leitura, aqui observamos como a própria personagem busca na literatura meios para enfrentar as mazelas de sua realidade. Negligenciada pela família e oprimida pela escola, a menina transforma sua capacidade intelectual em arma de resistência e autonomia. Sua relevância para o estudo está em mostrar como a literatura contemporânea pode atribuir às meninas características tradicionalmente valorizadas apenas nos meninos, como racionalidade, criticidade e poder de transformação, mesmo que ainda envoltas em estigmas.

Harry Potter (J. K. Rowling, 1997–2007) – Hermione Granger

Hermione é uma das personagens centrais da saga *Harry Potter*. Inteligente, determinada e estrategista, é frequentemente a responsável por salvar o trio de amigos em momentos cruciais. Diferente de muitas protagonistas clássicas, Hermione não é passiva nem

dependente de figuras masculinas: seu conhecimento e coragem são decisivos para o desfecho das narrativas.

Apesar disso, a personagem também enfrenta marcas de estereótipos de gênero: é descrita como mandona, racional em excesso e excessivamente estudiosa – características que, quando atribuídas a homens, são vistas como liderança, mas em mulheres frequentemente recebem conotação negativa. Como destaca Decina (2023), a literatura contemporânea muitas vezes ainda reforça binarismos ao valorizar traços masculinos como sinal de liderança, enquanto associa traços femininos à docilidade. Hermione subverte parte desses padrões, mas também revela a permanência de preconceitos simbólicos.

Ao analisarmos a obra, podemos comparar a personagem Hermione a, por exemplo, o personagem Dumbledore. Ambos são muito inteligentes, estudiosos e tomam a frente da resolução dos problemas apresentados na narrativa, porém, enquanto Hermione é julgada e frequentemente criticada, Dumbledore é tido como sábio e excepcional. Com isso observamos, que apesar de ser uma obra recente, escrita por uma mulher ainda há traços desse binarismo e reprodução de estereótipos

Mesmo com essas tensões, Hermione representa uma ruptura significativa, sendo reconhecida como protagonista autônoma, independente e essencial para o enredo. Sua personagem inspira meninas leitoras a valorizarem sua inteligência e determinação, rompendo com modelos de docilidade e dependência.

Hermione foi incluída na pesquisa por ser uma das protagonistas mais representativas da literatura juvenil contemporânea. Inteligente, corajosa e estratégica, é peça-chave para o desenvolvimento da trama, muitas vezes salvando os demais personagens. Sua importância para a pesquisa reside em simbolizar uma ruptura significativa com a figura da menina secundária, já que Hermione ocupa posição central, afirmando o valor da inteligência e da liderança feminina. Ao mesmo tempo, sua experiência mostra como a sociedade ainda estigmatiza essas qualidades quando associadas às mulheres, tornando sua análise essencial para compreender permanências e avanços nas representações do feminino.

Resultados e Discussões

A análise das seis obras selecionadas – *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll, 1865), *O Mágico de Oz* (L. Frank Baum, 1900), *Anne de Green Gables* (Lucy Maud Montgomery, 1908), *A Bolsa Amarela* (Lygia Bojunga, 1976), *Matilda* (Roald Dahl, 1988) e a saga *Harry Potter* (J.K. Rowling, 1997–2007) – permitiu observar diferentes representações do protagonismo feminino, revelando tanto permanências quanto rupturas em relação aos estereótipos de gênero.

Nos clássicos mais antigos, como *Alice no País das Maravilhas* e *O Mágico de Oz*, percebe-se que as protagonistas femininas, embora ocupem o centro da narrativa, apresentam uma autonomia limitada. Alice é retratada como curiosa e questionadora, mas permanece confusa, dependente das orientações externas para prosseguir em sua jornada. De modo semelhante, Dorothy lidera seus companheiros em Oz, mas sua motivação central é retornar ao lar, o que reforça a associação do feminino ao espaço doméstico. Ambas ilustram o que Beauvoir (1949) descreve ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se”: suas trajetórias marcam o início de um processo de construção da identidade feminina, ainda subordinada às expectativas sociais de docilidade e dependência.

Em *Anne de Green Gables*, observa-se uma transição. Anne Shirley apresenta características inovadoras para a época: é sensível, criativa e capaz de questionar o mundo ao seu redor, rompendo parcialmente com o silêncio e a obediência tradicionalmente atribuídos às meninas. Contudo, sua identidade continua ligada à afetividade e à bondade, traços que, segundo Decina (2023), permanecem como marcas de estereotipização feminina na literatura infantil. Anne, assim, representa um estágio intermediário, em que há ampliação das possibilidades de representação, mas ainda sem romper integralmente com padrões tradicionais.

Já nas obras mais recentes, como *A Bolsa Amarela*, *Matilda* e *Harry Potter*, surgem protagonistas que expõem de maneira mais clara as contradições sociais e reivindicam novos espaços para o feminino. Em *A Bolsa Amarela*, Raquel dá visibilidade a desejos proibidos – ser gente grande, ser menino e ser escritora – problematizando abertamente as restrições impostas às meninas. A metáfora da bolsa funciona como um símbolo de silenciamento, mas também de resistência, evidenciando, conforme Scott (1995), que o gênero deve ser compreendido como uma categoria histórica e relacional, construída nas disputas sociais.

Em *Matilda*, a ruptura se expressa por meio da valorização da inteligência e da leitura como instrumentos de emancipação. Apesar de ser negligenciada pela família e subestimada pela escola, Matilda transforma o conhecimento em força de resistência. Como afirma Agapto (2022), a literatura infantil pode ser simultaneamente espaço de reprodução e de contestação de estereótipos, e Matilda encarna essa ambivalência: ao mesmo tempo em que rompe com a ideia de fragilidade feminina, reforça a noção de que somente meninas excepcionais conseguem reconhecimento social.

Por fim, Hermione Granger, na saga *Harry Potter*, representa a consolidação de uma protagonista feminina contemporânea. Inteligente, corajosa e estrategista, é peça central para o desfecho da narrativa, embora muitas vezes seja rotulada como “mandona” ou “sabe-tudo”. Essa estigmatização reflete o que Decina (2023) aponta sobre a permanência de preconceitos simbólicos: qualidades valorizadas em personagens masculinos são frequentemente tratadas de forma negativa quando atribuídas a personagens femininas. Taylor Swift, por exemplo em sua canção *The Man*, sintetiza esse sentimento ao afirmar: “*Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que consigo / Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem*”. A letra evidencia a percepção de que as mulheres, mesmo quando competentes, precisam se esforçar além do esperado para alcançar o mesmo reconhecimento concedido a homens em situações semelhantes. Ainda assim, Hermione constitui um marco ao apresentar às leitoras infantis e juvenis uma personagem que alia inteligência, autonomia e liderança.

Essa citação dialoga diretamente com as protagonistas analisadas. Tal como Swift denuncia na música, Matilda precisa ser extraordinária para ter sua inteligência reconhecida, e Hermione sofre críticas negativas por apresentar características que seriam elogiadas se pertencessem a um personagem masculino. Essa convergência reforça a ideia de que as barreiras simbólicas ao protagonismo feminino são persistentes, ainda que apresentadas na contemporaneidade.

Comparando as seis protagonistas, nota-se um percurso histórico e cultural na representação do feminino: das personagens em transição, ainda marcadas por limitações sociais (Alice, Dorothy, Anne), às personagens de ruptura, que desafiam os estereótipos de forma mais direta (Raquel, Matilda, Hermione). Essa trajetória confirma que a literatura infantil e juvenil não é neutra, mas um espaço de disputa simbólica em que os papéis de gênero podem ser reafirmados ou questionados (CHIOVATO, 2015).

Assim, os resultados obtidos reforçam a importância de uma leitura crítica e mediada das obras literárias, pois, como afirma Beauvoir (1949), a condição feminina é uma construção social. Ao reconhecer a literatura como um campo de formação de subjetividades, torna-se possível utilizá-la como ferramenta pedagógica para problematizar os estereótipos e ampliar o repertório simbólico das crianças, promovendo identidades mais plurais e igualitárias.

Conclusões Finais

A presente pesquisa partiu do desejo de compreender como as representações femininas na literatura infantil e juvenil participam da formação simbólica das crianças e de que modo essas narrativas podem influenciar a construção de identidades de gênero. Ao longo do estudo, foi possível perceber que os livros voltados ao público infantojuvenil não apenas refletem a sociedade, mas também colaboram para moldá-la, expressando valores, expectativas e possibilidades de transformação.

A análise das personagens femininas escolhidas evidenciou que a literatura percorre um caminho de reconstrução das imagens do feminino. As protagonistas estudadas — Alice, Dorothy, Anne, Raquel, Matilda e Hermione — refletem diferentes momentos históricos e culturais, e revelam, de forma simbólica, como as mulheres foram conquistando espaço, voz e autonomia dentro da ficção. Mais do que observar rupturas e permanências, compreender essas trajetórias permitiu reconhecer o poder da literatura como agente formador de consciência crítica e instrumento de emancipação simbólica.

Em um contexto educacional, o trabalho com essas narrativas ganha relevância imprescindível. A literatura infantil, quando mediada de forma reflexiva, atua como ferramenta pedagógica potente, capaz de estimular a sensibilidade, o pensamento crítico e o respeito às diferenças. Os livros não apenas divertem: eles formam. É por meio da leitura que as crianças aprendem a perceber o mundo e a compreender a si mesmas. Quando encontram personagens femininas complexas, corajosas, inteligentes e sensíveis, as meninas descobrem que podem ser protagonistas de suas próprias histórias; e os meninos aprendem que a força e a liderança também podem ter rostos e vozes femininas.

Assim, este estudo reforça a importância de que educadores e escolas reflitam sobre as obras que apresentam às crianças. Selecionar livros que valorizem a igualdade e a diversidade é uma prática pedagógica que ultrapassa o campo da leitura: é um ato político e social. A literatura pode contribuir significativamente para o enfrentamento dos preconceitos e para a construção de uma cultura de respeito e equidade de gênero desde a infância.

A pesquisa também reafirma o papel essencial da Pedagogia na mediação de experiências literárias transformadoras. O educador é o elo entre o texto e o leitor, e sua postura diante da literatura pode favorecer a formação de leitores críticos, sensíveis e empáticos. Cabe à escola promover espaços de diálogo sobre as representações presentes nos livros e ajudar as crianças a reconhecerem as injustiças e desigualdades que ainda persistem.

Por fim, reconhece-se que esta investigação representa um ponto de partida e não de chegada. As discussões aqui apresentadas podem ser ampliadas em futuros estudos que contemplem outras dimensões da identidade — como raça, classe, deficiência e diversidade sexual —, aprofundando a compreensão sobre as múltiplas vozes femininas que habitam a literatura e a sociedade.

Conclui-se que a literatura infantil e juvenil é um território fértil para a construção de valores e para o exercício da cidadania. Ao trazer protagonistas femininas que desafiam normas e inspiram novas formas de ser e existir, ela se torna um meio de resistência e de esperança. Ler essas histórias é, portanto, um ato de formação: formar leitores, formar sujeitos e, sobretudo, formar uma geração capaz de sonhar com uma sociedade mais justa, sensível e igualitária.

Referências

- AGAPTO, L. M. de S. *Isto já não é mais um conto de fadas: estereótipos femininos na literatura infantil*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4506>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- ARIES, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUM, L. F. *O mágico de Oz*. Chicago: George M. Hill, 1900.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1949.
- BOJUNGA, L. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Londres: Macmillan, 1865.
- CASTRO, C. D. C. Representações de gênero na literatura infantil: percepções e mediações pedagógicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL – ENALIC, 9., 2023, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/105282>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- CHIOVATTO, A. C. L. Duas formas de representar o feminino na literatura infantil: Narizinho, de Monteiro Lobato, e Dorothy, de L. Frank Baum. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 71–79, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/111037>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- DAHL, R. *Matilda*. Londres: Jonathan Cape, 1988.
- DECINA, D. M. *Literatura infantil e os estereótipos de gênero: um enfoque nos contos de fadas*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/249505>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, B.; CHAVEIRO, M. O papel da literatura infantil na formação de subjetividade e identidade de crianças pretas: uma leitura do livro *Amoras*. *Revista Leia Escola*,

Campina Grande, v. 24, n. 1, p. 189–205, 2024. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/2222>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. Toronto: L. C. Page & Company, 1908.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Londres: Bloomsbury, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SWIFT, T. *The Man*. Intérprete: Taylor Swift. In: *Lover*. Los Angeles: Republic Records, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AqAJLh9wuZ0>. Acesso em: 18 set. 2025.

